

Chissano foi investido hoje

Por Fernando Manuel

O primeiro Presidente da República eleito por sufrágio universal directo e secreto, na História de Moçambique, foi investido no seu cargo na manhã de hoje.

A cerimónia teve lugar na Praça da Independência, em Maputo, obedecendo a um programa sóbrio que teve, mesmo assim, o seu quê de festa na ponta final.

Joaquim Alberto Chissano prestou o seu juramento como Chefe de Estado a meio da manhã, após o Hino Nacional e o içar da bandeira, perante o Presidente do Tribunal Supremo, Dr. Mário Mangaze, escassos milhares de populares, convidados nacionais e estrangeiros e deputados da Assembleia da República empossada ontem. Chissano, nos termos do juramento, declarou-se empenhado, "por minha honra desempenhar com fidelidade o cargo de Presidente da República de Moçambique, dedicar todas as minhas energias à defesa, promoção e consolidação da unidade nacional e ao bem-estar do povo moçambicano, fazer respeitar a Constituição (que lhe concede largas prerrogativas) e fazer justiça a todos os cidadãos".

O Auto de Investidura foi lido pelo Presidente do Tribunal Supremo, legitimando assim, formalmente, a vontade que o povo manifestou, através do voto, nas eleições de Outubro passado.

No primeiro discurso que fez, dirigido à Nação moçambicana, o Chefe de Estado fez questão de declarar "o meu compromisso solene de que serei, sempre, o Presidente de todos os moçambicanos".

A alocução de Chissano teve um tom profunda e

marcadamente conciliatório, no sentido de assegurar a participação de todos nas imensas tarefas de reconstrução nacional, entendida esta não só nas suas componentes política e económica como nas suas vertentes social e harmonização e acomodação das diferenças.

O Presidente da República investido hoje classificou o acto que estava a ter lugar e o que decorreu ontem no Palácio dos Congressos como marcando o início de uma "nova etapa da vida política do País". Esta, de acordo com a sua definição, será de democracia parlamentar multipartidária, "pluralismo político em que todos participamos".

"Quero assegurar", disse Chissano, "que tudo farei para que a celebração de paz que constitui este acto, dure para sempre".

Classificando a paz como "prémio justo para o povo moçambicano", o Presidente da República teceu uma longa consideração à volta do conceito da moçambicanidade, alicerçada na unidade nacional, que foi citada como tendo estado a consolidar-se e sedimentar ao longo de uma tradição de resistência a crises várias, desde as lutas de resistência colonial às de emancipação, agressões externas e preservação da soberania, as

recentes eleições: "Somos ricos na variedade das nossas etnias, línguas, raças e religiões. Fazemos das nossas diferenças o factor positivo da consolidação da Nação moçambicana. O futuro está ao nosso alcance".

Joaquim Chissano

retomou a defesa do conceito de trabalho árduo, para a resolução de toda a série de problemas que se puseram e põem hoje à sociedade moçambicana: "a nossa divisa vai voltar a ser: trabalhar afinadamente". Cabe neste quadro a defesa

de "mais empenho" no estudo e investigação, o culto da iniciativa e espírito empreendedor, reforço da capacidade técnica e do conhecimento.

Se é verdade, como se tem dito reiteradamente, que as eleições foram uma vitória

do povo, Chissano decidiu estender este prémio aos partidos e forças políticas, seus dirigentes, organizações sociais e cívicas, culturais e profissionais, igrejas e instituições religiosas; aos jovens, mulheres e homens, líderes tradicionais pois que, no seu entender, todos tiveram quota-parte na serenidade e civismo com que as eleições decorreram.

"Garantirei, por igual, a todos os moçambicanos, os direitos e liberdades consignados na Constituição e na lei, respeitarei a vontade da maioria e saberei ter em devida consideração os direitos das minorias".

Joaquim Chissano manifestou a sua convicção de que, no futuro, o País continuará a merecer o apoio da Comunidade Internacional, para o que der e vier na reconstrução nacional.

A boa maneira africana, a cerimónia de investidura de Chissano contou com canções e um quê de dança após as formalidades, com a participação de grupos corais religiosos ou laicos, música ligeira e uns quantos de quiosques com bebidas frescas.

Esta tarde estava prevista na Ponta Vermelha uma cerimónia em que os Chefes de Estado e dignatários convidados para o acto, o mesmo para os nacionais, iriam apresentar cumprimentos ao Chefe de Estado. O programa encerrava com uma recepção por volta das 15 horas.

Falta, portanto, pouco para o pano descer sobre o primeiro acto. E isto acontecerá com o anúncio do novo governo. Após o que se fará o que todos — pelo menos ao que parece — estão ansiosamente à espera: trabalhar, enfim... ■



Josef Chiziane

Chissano, momentos depois da sua investidura, esta manhã, na Praça da Independência.